

# **OCUPAÇÃO HUMANA NO ALFOZ DE LISBOA DURANTE O PERÍODO ISLÂMICO (714-1147)**

---

*António Rei*

## **Introdução**

Creemos que não terá sido ainda tentado um estudo sobre a periferia urbana de Lisboa durante o período islâmico. Assim, é nossa intenção esboçar a ocupação humana dessa periferia e tentar caracterizá-la no seu contexto espacial. Alguns espaços que referiremos, e que então eram ‘periferia’, hoje são partes integrantes da cidade.

Geograficamente, este estudo compreenderá principalmente a península de Lisboa e estender-se-á, a norte, até às latitudes de Maфра e Alhandra; e a sul, integrará a “Outra Banda”, ou seja, as zonas costeiras do estuário, sem avançar para o interior da península de Setúbal ou para os espaços do interior do actual concelho do Montijo.

Cronologicamente, esta abordagem não pretende ir nem para o passado visigótico nem para além do momento da conquista, em 1147.

Serão usadas como fontes principais textos árabes que forneçam informações sobre o espaço do alfoz de Lisboa, durante o período de domínio islâmico.

Atendendo a que essas fontes escritas não são, por vezes, muito pródigas em informações localizáveis e cartografáveis, resolvemos explorar também a toponímia da área em estudo. Utilizaremos apenas os topónimos que apresentem uma segura origem árabe ou moçárabe, a partir de uma preliminar investigação filológica.

## **Os Homens no Espaço e o Espaço dos Homens**

O povoamento humano, organizado primária ou secundariamente em função da cidade de Lisboa, esparsia-se por todo o alfoz, despontando ao

longo dos caminhos que o cruzavam e mesmo, algumas vezes, à sombra de uma estrutura militar.

A Lisboa islâmica tinha, no seu exterior próximo, arrabaldes.

Com acesso a partir da Porta de Alfama, o espaço exterior ocupado pelos muçulmanos seria tão vasto que o cruzado inglês que descreve a conquista de Lisboa designa-o como “cidade”<sup>1</sup>. Da mesma forma o terá entendido al-Idrîsî ou a sua fonte de informação<sup>2</sup>, pois diz-nos que “No centro da cidade há fontes termais, quentes tanto no Inverno como no Verão”, sabendo-se que as fontes não estão no centro da *madîna*, mas sim dentro deste bairro<sup>3</sup>.

Estender-se-ia este arrabalde, no sentido norte-sul, desde a zona ribeirinha, junto ao Tejo, onde se situavam as fontes termais, que, como já foi dito atrás, eram cobertas pela maré-cheia<sup>4</sup> até próximo da Porta do Cemitério<sup>5</sup>, depois chamada “do Sol”.

Este arrabalde era atravessado pela via que, bordejando o rio, cruzava a fértil *Balatâ*<sup>6</sup> e por esse caminho chegariam aos mercados da Lisboa islâmica os produtos agrícolas daqueles campos, o sal das salinas da zona de Sacavém<sup>7</sup> e os produtos piscatórios que viriam de Enxabregas<sup>8</sup>.

<sup>1</sup> *De Expugnacione Lysbonensi (DExpLys)*, ed. José F. Alves: *Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147 – Carta de um cruzado Inglês*, Lisboa, Horizonte, 1989, pp. 50-51.

<sup>2</sup> Sobre a questão relativa ao testemunho directo ou indirecto de al-Idrîsî no que diz respeito a Lisboa, v. Adel Sidarus e António Rei, “Lisboa e seu Termo segundo os Geógrafos Árabes”, *Arqueologia Medieval* 7 (2001), pp. 37-72, especialmente pp. 50 (n.9) e 70-72.

<sup>3</sup> Al-Idrîsî, *Nuzhat al-Mushtâq*, ed. E. Cerulli *et al.*, fasc. V, pp. 547; trad.portuguesa parc.: J.P.Machado, “A Península Hispânica segundo um Geógrafo Árabe do Séc. XII”, p. 30. V. ainda A. Sidarus e A. Rei, *ob.cit.*, pp. 49-51 e 70-72.

<sup>4</sup> Clementino Amaro, “Arqueologia Islâmica de Lisboa...”, p. 68.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> Sobre a ‘Valada’ do Tejo, em árabe *Balata*, v. al-Idrîsî, *Nuzhat al-Mushtâq*, fasc. V, pp. 549-550; trad.portuguesa, pp. 31-32; Yâqût, *Mu’jam al-buldân*, vol. III, p. 416; al-Himyarî, *al-Rawd al-Mi’târ* *ob.cit.*, p. 103 e trad.Lévi-Provençal, p. 59. V. ainda o recente estudo sobre a fertilidade dos campos de Santarém, de António Rei, *Memória de Espaços e Espaços de Memória – de al-Râzî a D. Pedro de Barcelos*, Dissertação de Mestrado, FCSH-UNL, 2002, policop., pp. 183-190.

<sup>7</sup> Ibn Sa’îd, *Kitâb al-Jahrafiya*, ed. J.Vernet, p. 111; ed.I. al-‘Arabî, p. 178; trad.J.Vernet, p. 317; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (GEPB)*, vol.22, p. 803, e vol.26, “Sal”: pp. 644-661, e “Salinas”: pp. 744-752. V. ainda A. Sidarus e A. Rei, *ob.cit.*, p. 45.

<sup>8</sup> ‘Enxabregas’ ou ‘Enxobregas’ é um topónimo que estará ligado com actividades piscatórias. As etimologias possíveis: ou 1) de xavega ou xávega, um tipo de barco de arrasto e/ou o tipo de pesca feita com esse barco; ou 2) de um tipo de rede de pesca – a enxobeca (< ár. “al-shubbâka” = “rede”; cf. J.P. Machado, *Dic. Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa (DOELP)*, III, p. 1488), ou 3) a partir do nome do artesão que

As águas sulfúricas, usadas nas termas, também tinham propriedades que as tornavam boas para a lavagem de lãs<sup>9</sup> e para o curtimento de peles<sup>10</sup>. Estas tarefas eram levadas a cabo nas Alcaçarias de Alfama<sup>11</sup>.

Nesta zona havia também uma mina, a Adiça de Alfama, de onde seria extraída prata<sup>12</sup>.

É possível que alguns membros da elite islâmica residente<sup>13</sup> ou frequentadora do arrabalde e dos seus banhos fossem mercadores, investindo no comércio marítimo, pois o Cais de Santarém estava muito próximo

armaria aquelas redes (ár. fonético “ash-shabbâk”, “o fabricante de redes”; cf. F. Corriente, *Dic. Árabe-Español*, pp. 388-389). Naquela zona construir-se-ia aquele tipo de barcos ou produzir-se-iam aquelas redes, ou talvez ambas as coisas, ao longo das suas praias.

<sup>9</sup> É no mínimo curioso que na planta de Lisboa, 1: 2 500, do trabalho *Cêrca moura de Lisboa...*, de A. Vieira da Silva, o espaço que hoje é o Largo do Terreiro do Trigo fosse ainda em 1755 denominado “Campo da Lã”. A persistência de um mester e de um comércio que viria pelo menos do período islâmico, senão de antes.

<sup>10</sup> Também à água de Beja eram atribuídas idênticas propriedades de excelência para os curtumes. Ver *Crónica Geral de Espanha de 1344* (C1344), ed. L.F. Lindley Cintra, vol. II, p. 65, onde se diz: “[...]ha augua de Beja he de natura pera seer boa de cortimento de coyros[...]”. Notícia idêntica na *Cronica del Moro Rasis* (CMR), ed. Catalán-Andres, p. 81.

<sup>11</sup> Clementino Amaro, “Arqueologia Islâmica de Lisboa...”, p. 68. Não sabemos se, neste caso, o termo ‘alcaçaria’ indicaria apenas o local das actividades citadas – lãs e curtumes –, ou se se trataria de um espaço onde, além destas funções de transformação, também existiriam outras de carácter apenas comercial. Sobre alcaçarias e funções das mesmas, ver Basilio Pavón, *Ciudades Hispanomusulmanas*, pp. 104-107 e Yusuf Ibish “Las instituciones económicas”, *La Ciudad Islámica* (org. R.B. Serjeant), pp. 145-160.

<sup>12</sup> Aventamos que pudesse ser de prata, a partir da citação da *De Expugnatione...*, pp. 33-34, em que se diz “[...]a cidade de Lisboa [...]tem ouro e prata”. Referindo também, p. 33, que nas margens do Tejo há ouro, por exclusão de partes, esta adiça ou mina em Alfama poderia ser a da prata. Também na C1344, vol. II, p. 65, se diz que em Beja, “[...]en Toucanique ha hua mynera de muy boa prata[...]”. Este topónimo “Toucanique” (“Tutâliqa” > Yâqût, *ob. cit.*, III, 562) que terá sobrevivido no actual “Ribeira de Toutalga” (cf. Cláudio Torres, “Povoamento no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica”, *Arqueologia Medieval*, 1, p. 194; e *Reportório Toponímico de Portugal*, Ministério do Exército, 1967, III, p. 117), uma ribeira que corre na Serra da Adiça (!). Adiça, do árabe *al-dîsa* > “trilho ou passagem subterrânea” (F. Corriente, *Diccionario Árabe-Español*, p. 262); daí o sentido de mina, enquanto galeria do subsolo. Assim, é possível que, 1.º) ‘adiça’ designasse genericamente as minas de metais preciosos, não apenas as minas de ouro, mas também as de prata; 2.º) a adiça de Alfama fosse a fonte da prata referida pelo cruzado inglês. Ainda sobre “adiça” e “adiça de Alfama”, ver: David Lopes, *Páginas Olisiponenses*, p. 151; J.P. Machado, *DOELP*, I, p. 50; Gomes de Brito, *Ruas de Lisboa*, I, 5; Luiz Pastor de Macedo, *Lisboa de lés-a-lés*, vol. I, p. 17; *GEPB*, vol. I, p. 401.

<sup>13</sup> C. Amaro, “Arqueologia Islâmica...”, p. 66.

e, por exemplo, junto a ele se encontrava o Campo da Lã<sup>14</sup>, lugar de comércio por grosso desta matéria, cuja transformação e comércio aí tinham lugar.

Na zona de Alfama, talvez na ponta nordeste do arrabalde, habitaria a comuna judaica da cidade<sup>15</sup>. A localização deste grupo humano é-nos sugerida pela proximidade do seu cemitério, o qual, junto com um dos almocavares islâmicos, se situavam ambos nas encostas do actual morro da Graça, onde ambos terão permanecido até ao século XV<sup>16</sup>.

Do lado ocidental da cidade haveria um outro arrabalde com ocupação islâmica, mas, enquanto em Alfama predominariam os fabricantes de lã, os curtidores, os mineiros e os trabalhadores portuários, neste bairro, a poente, os indícios apontam para a instalação, entre outros, de oleiros e de trabalhadores rurais<sup>17</sup>.

Estaria situado na zona da actual Baixa pombalina, entre o Rossio e a Praça do Comércio. Teria o acesso mais directo à cidade pela Porta Grande ou Porta Ocidental.

Algures nesse arrabalde, no espaço da actual Rua da Conceição, existiu o Poço da Foteia, de que sobreviveu até mais tarde o topónimo “Largo do Poço da Foteia”<sup>18</sup>, poço esse que ajudaria à fixação das populações.

O arrabalde dos Moçárabes de Lisboa ou de St.<sup>a</sup> Maria de Alcamim situava-se a noroeste da *madina*, a oeste da alcáçova, no então designado Chão de Alcami ou Alcamim<sup>19</sup>, ocupando parte do declive que vinha

---

<sup>14</sup> Cf. supra n. 8.

<sup>15</sup> C.Amaro, “Arqueologia Islâmica de Lisboa...”, p. 62. Sobre os espaços das minorias nas cidades hispano-muçulmanas, ver Leopoldo Torres Balbas, “Mozarabias y Juderias de las Ciudades Hispanomusulmanas”, *Cronica de la España Musulmana*, 5, pp. 277-302.

<sup>16</sup> *Ibidem*.

<sup>17</sup> Em intervenções levadas a cabo na Baixa Pombalina, na actual Rua Augusta, foram encontrados sinais de oficinas artesanais do período islâmico, mas apenas e só de olaria, não sendo encontrados sinais de qualquer outro mester naquela zona. Quatro oficinas de oleiros, com restos de espólio e respectivos fornos. Cf. C.Amaro, “Arqueologia Islâmica de Lisboa...”, p. 68. Pomos a hipótese de que alguns dos ocupantes deste arrabalde fossem trabalhadores rurais, devido à proximidade do esteiro do Tejo, espaço de grandes potencialidades agrícolas e ganadeiras.

<sup>18</sup> L.Pastor de Macedo, *ob.cit.*, I, 68 e 227.

<sup>19</sup> Manuel Luís Real, “Os Moçárabes do Gharb português”, *Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 1998, pp. 35-56, p. 51. Relativamente ao topónimo ‘Chão de Alcami’ ou ‘Alcamim’, que a palavra “Alcami” provenha do árabe “hortas” não parece muito plausível (cf. *idem*, p. 51). Se pela localização topográfica do arrabalde isso se poderia justificar, a hipótese etimológica e linguística não aponta nesse sentido. A nossa explicação do termo, que acompanha o parecer de Ruy de Azevedo (cf. ‘Período de formação territorial’, *HEPM*, I,

dessa mesma fortaleza, em direcção ao esteiro do Tejo, mais propriamente à área da actual Praça da Figueira. O acesso à cidade, a partir deste arrabalde, far-se-ia pela Porta da Alfofa.

A vivência da comuna moçárabe estaria polarizada pelo seu templo, a Igreja de St.<sup>a</sup> Maria de Alcamim<sup>20</sup>. Este edifício era a expressão da sua identidade de crença e cultura. Os moçárabes tinham também o seu próprio cemitério: ou mais junto da igreja<sup>21</sup> ou mais para a periferia do arrabalde, mais perto da Porta da Alfofa<sup>22</sup>.

Os moçárabes seriam maioritariamente trabalhadores rurais, estando o seu arrabalde muito próximo da área dos actuais Rossio e Praça da Figueira, que era uma zona agrícola por excelência, aproveitando as águas dos arroios que corriam para o Tejo. Nesse arrabalde, ou muito perto dele, foram encontrados alguns silos, atribuídos ao período islâmico, no subsolo da Igreja de S. Lourenço<sup>23</sup>. Aí seriam guardados os cereais e talvez também legumes, como em alguns desses silos, embora não obrigatoriamente estes que os cruzados encontraram, aquando do cerco que levou à conquista da cidade<sup>24</sup>.

\* \*  
\*

As povoações mais importantes do alfoz e que de alguma forma polarizariam secundariamente o povoamento eram Sintra e Almada.

De Sintra sabe-se que era uma povoação não muito longe de Lisboa e que possuía dois castelos inexpugnáveis<sup>25</sup>, que seriam o conhecido

---

p. 54) é a seguinte: ‘alcamim’ ou ‘alcamim’ é a expressão dialectal do árabe gharb-andalusi composto do artigo árabe ‘al’ + a palavra de origem romance ‘camim’ > caminho, significando “o caminho”. O facto de que aí existisse ou por aí passasse uma qualquer via parece ser corroborado pela alteração posterior do orago da antiga igreja moçárabe. O orago deixou de ser St.<sup>a</sup> Maria de Alcamim e passou a ser S.Cristóvão (cf. *idem*, p. 49), o qual ainda hoje é considerado o protector dos caminhantes e viandantes, pelo que se poderá entender que esse caminho que passaria pelo arrabalde, ou mesmo possivelmente junto ao templo, continuou a ser usado até mais tarde e não apenas durante o período islâmico.

<sup>20</sup> *Ibidem*, pp. 49 e 51.

<sup>21</sup> L.Pastor de Macedo, *ob.cit.*, V, pp. 60-66.

<sup>22</sup> C.Amaro, “Arqueologia Islâmica em Lisboa...”, p. 62.

<sup>23</sup> C.Amaro, “Arqueologia Islâmica em Lisboa...”, pp. 66-67.

<sup>24</sup> *DExpLys*, p. 52

<sup>25</sup> Al-Himyarî, *ob.cit.*, p. 347; trad. Levi-Provençal, p. 138.

“Castelo dos Mouros” e o primitivo “Palácio da Vila”<sup>26</sup>. Foi sempre dependente hierarquicamente de Lisboa. O clima típico de Sintra já se identificava nessa época, pois dela se diz que estaria sempre envolta numa névoa que nunca se extinguiu. Recolhia-se âmbar nas suas costas<sup>27</sup>. A Serra de Sintra e as suas imediações atraíam os eremitas. Aí habitou e por lá deambulou um *sufi*, Bakkâr ibn Dawûd al-Marwânî, homem que viveu entre os séculos XI e XII. Místico e poeta, percorria toda aquela região, entregando-se a exercícios espirituais e exortando as gentes através de prédicas<sup>28</sup>.

Em Almada<sup>29</sup>, na margem sul do Tejo, havia jazidas de ouro: fluvial e do subsolo<sup>30</sup>. A actual cidade ter-se-á desenvolvido a partir da povoação fortificada<sup>31</sup> que dominava esta zona e que, por sua vez, tomou o nome das jazidas mineiras. São-lhe também atribuídas pedreiras de mármore e

<sup>26</sup> Sobre as problemáticas da origem do primitivo edifício acastelado que deu origem ao actual Palácio da Vila, ver A.Borges Coelho, “Sintra: Os Paços da Vila”, *Questionar a História*, Lisboa, pp. 89-119

<sup>27</sup> Sintra nas fontes árabes: Ibn Ghâlib, *Farhat al-anfus*, ed. L.'Abd al-Badî', p. 291; trad. espanhola de J.Vallvé Bermejo, “Una Descripción de España de Ibn Ghâlib”, *Anuario de Filologia*, p. 380; al-Himyari, *ob.cit.*, ed.p. 347; trad. Levi-Provençal, p. 138; Ibn Sa'id, *al-Mughrib fi hulâ-l-Maghrib*, 2 vols., ed. Shawqî Dayf, vol. 1, pp. 415-416; Yâqût, *Mu'jam al-buldân*, vol.3, p. 367, trad.parc.espanhola Gamal 'Abd al-Karîm, “La España musulmana en la obra de Yâqût”, *CHI*, 6 (1974) p. 209; al-Qazwîni, *ob.cit.*, ed. p. 542, trad. p. 123; Abû-l-Fidâ, *Taqwîm al-Buldân*, ed.M. Rénaud & M.G. de Slane, *Géographie d'Aboulfêda*, Paris, 1840, p. 173; al-Qalqashândî, *Subh al-A'shâ*, vol. 5, p. 223, trad.parc.espanhola Luis Seco de Lucena, *Subh al-A'shâ de al-Qalqashandî*, p. 32. Trad. portuguesas em A. Sidarus e A. Rei, *ob.cit.*, *passim*.

<sup>28</sup> Sobre este místico muçulmano que viveu na zona de Sintra, cf. Ibn Sa'id, *al-Mughrib...*, I, pp. 415-416; J.D.Garcia Domingues, “O Pensamento Filosófico-Teológico do Sufismo Muridínico”, *Filosofia*, 2, p. 21; Idem, *Portugal e o al-Andaluz*, p. 102; Adalberto Alves, *O Meu Coração é Árabe*, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 83-84.

<sup>29</sup> Almada nas fontes árabes: Ibn Ghâlib, *Farhat al-anfus*, ed., p. 291; trad. J.Vallvé Bermejo, p. 380; al-Himyari, *ob.cit.*, ed.p. 347; trad. Levi-Provençal, p. 138; Yâqût, *Mu'jam al-buldân*, vol.3, p. 367, trad. Gamal 'Abd al-Karîm, p. 271; al-Qazwîni, *ob.cit.*, ed.p. 542, trad. Fatima Roldán p. 123; al-Bakrî, *al-Masâlik wa-l-Mamâlik*, ed.p. 897; trad.E.Vidal Beltrán, p. 38; al-Zuhri, *Kitâb al-Jughrafiya*, ed. Muhammad Hadj-Sadok, p. 222; al-Idrîsî, *Nuzhat al-Mushtâq*, ed., fasc.V, p. 547; trad. J.P.Machado, p. 30; *Dhikr*, ed.,p. 52; trad., p. 57. V. também A. Sidarus e A. Rei, *ob.cit.*, *passim*.

<sup>30</sup> Ouro fluvial: Ibn Ghâlib, *ob.cit.*,ed.p. 291,trad.p. 380;al-Idrîsî, *NM*, ed. p. 547, trad.p. 30; Yâqût, *ob.cit.*, vol.I, p. 195, trad.pp. 69-70; Ibn Sa'id, *Mughrib...*,vol.I, p. 411; al-Qazwîni, ed.p. 555, trad.p. 159; al-Himyari, *ob.cit.*, ed.p. 61, trad.p. 22-23. Ouro subterrâneo: *C1344*, vol.II, p. 67; *Dhikr*, ed.p. 53, trad.p. 58; *GEPB*, vol. I, p. 401

<sup>31</sup> “Hisn al-Ma'din: o Castelo da Mina”, Cf. Al-Idrîsî, *Nuzhat al-Mushtâq*, ed. p. 547; trad. p. 30.

de ónix<sup>32</sup>, embora não localizadas. Do ponto de vista agrícola, esta zona era abundante de vinhas, figos e romãs<sup>33</sup>.

Existia ainda uma outra localidade do alfoz de Lisboa, mas que não se consegue identificar e que aparece na grafia árabe como *Munt Shiyûn*. Poderia ser talvez Monsanto, actualmente parte de Lisboa, ou Monte Sião, no concelho do Seixal<sup>34</sup>.

Encontramos também, um pouco por todo o alfoz, espaços identificados a partir de antropónimos. Tratar-se-ia eventualmente de senhores locais ou de epónimos de clãs ali residentes e que acabariam deixando o seu nome ligado àqueles espaços<sup>35</sup>.

Por vezes os topónimos referem-se não a pessoas singulares, mas a grupos humanos: clãs ou tribos – no caso presente, a tribo árabe de Kinâna, que parece apresentar uma significativa implantação numa determinada área –; ou a gentes originárias de uma certa povoação, como seria o caso dos naturais de Qayrawân, que também aqui se terão estabelecido<sup>36</sup>JPM, *DOELP*, I, p. 111<sup>37</sup>.

Ainda se encontra um terceiro tipo: os topónimos relativos a ocupa-

<sup>32</sup> *Dhikr...*, ed.p. 52, trad.p. 57.

<sup>33</sup> *DExpLys*, p. 33.

<sup>34</sup> Cf.Ibn Ghâlib, *ob.cit.*, ed.p. 291, trad.p. 380. A transcrição romance do nome, por ‘Ossumo’, na *Crónica Geral de Espanha de 1344*, também não nos elucida sobre a questão, v. *CI344*, vol.II, p. 67.

<sup>35</sup> Antropónimos identificados: Cacém (< ár. “Qâsim”: “o que reparte”[F. Corriente, *Dic.Árabe-Español*, p. 623]; Carém (< ár.”Karîm”: “o nobre; o generoso”, (J.P.Machado, *Vocabulário Português de Origem Árabe(VPOA)*, p. 88); Fação (< ár. “Hassan”: “bom; belo”(*Ibidem*, p. 94). Todos no concelho de Sintra. No concelho de Loures, Bobadela,(< ár. “Abû ‘Abd Allah”: “o pai de ‘Abd Allah” (Idem, *DOELP*, I, pp. 31 e 260); ainda em Loures, um único antropónimo feminino, Salemas (< ár. “Salîma”: “íntegra, boa, sã” [F. Corriente, *idem*, p. 370]), a sul de Montachique. O topónimo Murfacém – concelho de Almada – provirá de “Bu’r Husayn”: “o poço de Husayn”. ‘Mur’ será ‘bu’r’ pela alteração da bilabial inicial. Facém será uma variante de Focem {‘Focem’ era a forma mais comum na documentação portuguesa medieval, para transcrever ‘Husayn’ (J.P. Machado, *DOELP*, II, p. 652); Fochem ou Foxem – topónimo islâmico de Viana do Alentejo – seria outra variante (Cf. Arq. Cabido Sé Évora, cód. CEC 3-III, fls. XLVI-XLVII). E Catalazete, em Oeiras, de “qala’t Zayd”, “a fortaleza de Zayd” sendo ‘Zayd’ também um nome masculino.

<sup>36</sup> Dois topónimos ligados ao assentamento de membros da tribo árabe de Kinâna: Quenena, do árabe “Kinâna”; e Barcarena (que geograficamente não é longe de Quenena), de “Bi’r Kinâna” “o poço de Kinâna”, pois apresentou, em 1259, a forma intermédia ‘Brequenena’ (Cf. Ruy de Azevedo, *ob.cit.*, p. 55). O terceiro topónimo, Alquerubim, de “al-qarawiyîn”, “os de Qayrawân”

<sup>37</sup> Não remete para a origem étnica do grupo humano, mas antes para a origem geográfica das pessoas que aí se estabeleceram e que proviriam de Qayrwân, na actual Tunísia (Cf. J. P. Machado, *DOELP*, I, p. 217).

ções humanas, neste caso relacionados com as actividades bélicas: Almo-grave, de “al-mugâuir”, “o que faz incursões; o guerreiro”<sup>38</sup>; e Alfaques, de “al-fakkâk”, “o que resgata cativos”<sup>39</sup>. Exemplos de acções do teatro de guerra, ambos necessários, mas quase no lado oposto do mesmo.

Os terrenos e o clima da região de Lisboa seriam de tal forma bons que atraíam gentes das mais variadas origens geográficas e sociais e que aqui acabavam por se radicar. O caso dos membros da tribo árabe de Kinâna ou o dos originários de Qayrawân são sinais da atracção que esta região provocou em gentes numerosas e de origens diversificadas.

\* \*  
\*

Qualquer grupo humano revela, também na ocupação do espaço, a sua ligação com o espiritual e o sagrado. Não acontece de forma diferente no alfoz de Lisboa.

Os espaços sagrados islâmicos detectados, não sendo muitos, são ainda assim bastantes para se poder perceber que se disseminavam por toda esta área. Constatando-se a existência de uma “Mesquita” a sudoeste da actual Odivelas, topónimo que remete sobretudo para as práticas mais gerais e comuns dos ritos islâmicos, são, apesar de tudo, as referências à vida mística e eremítica as que predominam na toponímia desta região.

Atesta-se a existência de azóias<sup>40</sup>. Encontramos uma delas na zona de Sintra, perto do Cabo da Roca, e acompanhada por duas atalaias que lhe são sobranceiras. Uma segunda, junto a St.<sup>a</sup> Iria da Azóia, que, com este último topónimo, faria o número de três. Ainda no caso de St.<sup>a</sup> Iria da Azóia, o topónimo sugere-nos uma possível azóia, depois cristianizada, sob o orago de St.<sup>a</sup> Iria.

Creemos poder ainda relacionar com a vida eremítica islâmica o topónimo Abuxarda ou Abujarda, que proviria de “abû l-jarda”, “o do vestuário roto”<sup>41</sup>, em possível referência a algum asceta que vivesse ou deambulasse pela zona. Poderia tratar-se de, por exemplo, al-Marwânî, atrás referido, quando se falou de Sintra.

---

<sup>38</sup> *Ibidem*, pp. 106-107.

<sup>39</sup> F. Corriente, *Dic. Árabe-Español*, p. 594; J.P. Machado, *DOELP*, I, p. 92.

<sup>40</sup> Azóia, do árabe “al-zawiya”, significa “a esquina; o canto” e designava inicialmente o lugar onde o mestre se sentava a ensinar – uma esquina na mesquita. Passou depois a designar o edifício onde o mestre vivia e ensinava e onde, em muitos casos, depois da sua morte era sepultado (cf. J. P. Machado, *DOELP*, I, p. 196).

<sup>41</sup> F. Corriente, *Dic. Árabe-Español*, p. 107.



Também Massamá, a partir de duas leituras que realizámos<sup>42</sup>, sugere-nos uma estrutura ocupada por místicos-guerreiros, que se dedicariam, possivelmente em simultâneo, a práticas espirituais e a práticas bélicas.

Sacavém, mais propriamente as margens da sua ribeira, foi também lugar de retiro de um místico islâmico, chamado Taytal ibn Ismâ'îl al—Shaqabânî, ‘o de Sacavém’<sup>43</sup>.

Quanto a espaços funerários, poder-se-ia começar pelos cemitérios da cidade, pois nas urbes islâmicas estes já se situavam nas periferias das mesmas<sup>44</sup>. Além desses, encontrámos ainda referências a um outro cemitério na zona da actual Madragoa, ligado a algum povoado ribeirinho<sup>45</sup>. Também a povoação fortificada de Catalazete teria o seu próprio cemitério, pois constata-se o topónimo Almocovada (possível alteração de almocavar), “junto à praia e ao Nascente do rio de Oeiras”<sup>46</sup>, ou seja, para nordeste de Catalazete, na zona da actual praia de St.º Amaro de Oeiras.

A nordeste de S. João das Lampas poderia ter existido um outro cemitério; o topónimo Alcovar, de “al-qabar” ou ainda de “al-qubûr”, “a(s) tumba(s)”<sup>47</sup>, a isso poderá aludir.

O espaço sacralizado moçárabe mais próximo da cidade, além da Igreja de St.ª Maria de Alcamim, era o da igreja onde se veneravam os mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, que tinham sido martirizados pelos romanos. Este templo situava-se originalmente em Campolide<sup>48</sup>.

---

<sup>42</sup> Segundo J. P. Machado, *Vocab. Português de Origem Árabe*, p. 105, Massamá trata-se de “lugar onde se toma água; fonte; manancial”. Apresentamos, no entanto, aqui duas leituras que fundamentarão as razões suficientes para o integrar neste apartado: 1) massamá < ‘masawma’ = “cenóbio, cela de anacoreta; pináculo; alminar”(cf. F. Corriente, *Dic. Árabe-Español*, p. 450). 2) massamá < ‘masma’ - “o lugar de escuta” (cf. *Ibidem*, p. 373). A zona de Massamá é de cota elevada sobre o vale da ribeira de Barcarena. Disporá de boa acústica sobre aquele vale e áreas envolventes. Sobre este aspecto da vigilância sonora, ainda se constata na Baixa Idade Média, nos limites do termo de Évora, a existência de um topónimo: “Cabeça dos Escutas”, local de cota elevada e sobranceiro às redondezas. (Cf. Maria Ângela Beirante, *Évora na Idade Média*, 1995, p. 36).

<sup>43</sup> Sobre este místico, cf. José António Rodríguez Lozano, “Nuevos Toponimos Relativos a al-Andalus en el *Mu'jâm al-Buldân* de Yâqût”, *CHI*, 8, p. 73.

<sup>44</sup> Como já referido no início deste estudo. Sobre os cemitérios islâmicos e a sua localização, ver ainda a mais recente compilação sobre o tema: Basilio Pavón, *Ciudades Hispanomusulmanas*, pp. 79-86.

<sup>45</sup> C. Amaro, “Arqueologia Islâmica em Lisboa...”, p. 68.

<sup>46</sup> J.P. Machado, *DOELP*, I, p. 106.

<sup>47</sup> F. Corriente, *Dic. Árabe-Español*, p. 604.

<sup>48</sup> *DexPlys*, p. 35.

Perto de Sintra poderá ter existido um mosteiro ou cenóbio cristão, cuja existência terá deixado na zona o topónimo híbrido Almoster (de al + moster > o mosteiro)<sup>49</sup>.

As igrejas, muitas vezes pólos centralizadores desses aglomerados populacionais, são atestadas na toponímia com vários exemplos, todos eles provenientes da palavra árabe “*kanîsa*” > “igreja”, com ou sem o artigo al: Caneças<sup>50</sup>, no actual concelho de Loures. No concelho de Mafra aparecem dois casos, não muito afastados no espaço: Alcainça Grande e Alcainça Pequena<sup>51</sup>. Ainda encontramos uma Alcaniça, foneticamente preservada de qualquer alteração, no concelho de Almada, indiciando também aqui a existência de moçárabes.

Não ligados a igrejas, mas também com ocupação de moçárabes, detectámos dois outros locais: Moçaravia, no concelho de Sintra<sup>52</sup>, e Moçárabe, no concelho de Oeiras<sup>53</sup>

Havendo sinais relativos à presença de judeus junto a Lisboa, não se constata, no entanto, nas áreas rurais, mais afastadas da cidade, espaços com presença judaica, nem a norte nem a sul do Tejo.

\*   \*  
\*  
\*  
\*

Pontuando o espaço, por onde correm caminhos e azinhagas e protegendo o povoamento neste alfoz de Lisboa, existiam estruturas defensivas, geralmente em locais de topografia elevada e, em alguns casos, mesmo estrategicamente articuladas com os principais eixos viários.

Ainda próximo da cidade, encontrar-se-ia um arraial ou acampamento militar – a Almafala<sup>54</sup>, situado no morro da Graça. Tal era o nome dessa zona durante o período islâmico<sup>55</sup>.

---

<sup>49</sup> J.P. Machado, *DOELP*, I, p. 107.

<sup>50</sup> Caneças, “igrejas”. Idem, I, p. 334.

<sup>51</sup> Sendo Alcainça = ‘a igreja’. Idem, I, p. 77.

<sup>52</sup> Moçaravia = “local de moçárabes”. Idem, II, p. 1011.

<sup>53</sup> Em “[...]sítio junto da estrada do Arneiro e ao poente dela, aonde há olivais e terras de sementeira”. Idem, II, p. 1004.

<sup>54</sup> De “al-mahâla”, “a posição, a situação [estratégica]”. Cf. F. Corriente, *Dic. Árabe-Español*, pp. 191-193.

<sup>55</sup> David Lopes, *Páginas Olisiponenses (PO)*, pp. 158-160. Este local estratégico e sobranceiro à cidade, a nordeste da mesma, e que seria tão importante na defesa como no ataque, foi ocupado pelas tropas de Afonso Henriques em 1147. Cf. *De Expugn. Lysb.*, pp. 36 e 47-48.

Mais para norte de Lisboa, encontrava-se o bastião de Alvorge, de “al-burj”, “torre, bastião”, que coroaria a actual Penha de França<sup>56</sup>. Seria mais uma estrutura militar, que defenderia o acesso a Lisboa de incursões vindas de norte.

Na actual zona do Bairro Alto terá existido uma ‘atalaia’, pois verifica-se aí uma Rua da Atalaia. A sua posição estratégica, sobranceira sobre o esteiro do Tejo, sobre o estuário do mesmo Tejo e com vista tanto para leste como para oeste e mesmo para norte, justificaria plenamente a sua localização naquele ponto.

Na actual zona da Estrela, que também é elevada, terá existido uma Arrábida, “al-rabita”, “convento ou eremitério”, de acordo a dois topónimos que a isso aludem<sup>57</sup>.

Indo ainda mais para norte, na zona do actual Lumiar, existiriam também estruturas de tipo militar. Havia um acampamento<sup>58</sup>, muito possivelmente ligado à torre de aviso ou farol que aí se levantava, que deu origem ao actual nome “Lumiar”<sup>59</sup>. É, no mínimo, curioso e possivelmente significativo que na zona ainda subsista o topónimo “Torre do Lumiar”.

Serviria esta torre ou *almenara* para observar movimentos militares a norte da cidade e avisá-la, quando os movimentos o justificassem. A concentração de estruturas defensivas nesta zona justificar-se-ia pela sua situação junto ao caminho que, saindo da Porta Grande, se dirigia para o norte e para o leste, até ao nó viário de Santarém<sup>60</sup>.

A oeste, próximo ao Tejo, na zona actual de Belém-Restelo, existiriam mais um par de pequenas fortalezas, as Alcolenas<sup>61</sup>. Para além da

<sup>56</sup> D. Lopes, *PO*, p. 172 Nesse mesmo morro ou no seu sopé, do lado norte, havia um poço que poderia servir de local de abastecimento da guarnição militar e que ficou registado na toponímia do local: a Calçada do Poço dos Mouros (cf. José António Gurriarán, *Lisboa. Uma cidade inesquecível*, p. 405).

<sup>57</sup> D. Lopes, *PO*: n.17 de Fernando Castelo-Branco, p. 201: “na freg.<sup>a</sup> de St.<sup>a</sup> Isabel, zona da Estrela, há uma rua e travessa com esse nome”. As arrábidas eram locais onde viviam homens dedicados aos exercícios espirituais e à guerra.

<sup>58</sup> Alqueidão, de “al-qaiatûn”, “tenda(s), acampamento” (cf. D. Lopes, *PO*, pp. 161-162; J.P. Machado, *DOELP*, I, p. 111).

<sup>59</sup> O actual Lumiar era, em 1218, ‘Lemenare’ (< almenar (ár. dialect.), < al-minâr (ár. cláss.) (cf. Ruy d’Azevedo, *ob. cit.*, p. 54).

<sup>60</sup> Esta mesma via virá ainda nos finais do século XIV a ser usada pelos exércitos castelhanos quando vieram cercar Lisboa. O itinerário seguido pelo rei D. João de Castela > Santarém, Alenquer, Arruda, Lumiar, até chegar a Lisboa (cf. Valentino Viegas, *Cronologia da Revolução de 1383-1385*, pp. 110-121), volta a repetir a via romana (cf. Jorge de Alarcão, *O Domínio Romano em Portugal*, p. 88).

<sup>61</sup> De “al-qulay’a” = “a pequena fortaleza”, eram duas, a de Cima e a de Baixo (cf. J. P. Machado, *DOELP*, I, p. 82). O actual topónimo de Alcolena corresponderá à Alcolena

sua situação estratégica em relação aos movimentos navais na barra, encontravam-se também nas imediações do caminho que iria para oeste, até Catalazete, ou um pouco mais além.

Continuando para oeste, ao longo desta mesma via e já no actual concelho de Oeiras, existiria uma outra torre ou atalaia – Jamor<sup>62</sup>. Serviria principalmente para observar os movimentos navais da foz do Tejo.

Quanto ao topónimo Massamá, a noroeste da cidade, seria um local de observação, ou melhor, de escuta de movimentações inimigas: um lugar de cota elevada que lhe permitiria ter uma boa visibilidade sobre as áreas em redor, como também disporia de uma boa acústica; o que complementaria a sua acção de vigilância através da prospecção sonora<sup>63</sup>. Poderia existir lá alguma estrutura construída, com ocupação apenas militar ou de místicos-guerreiros. Esta estrutura defensiva situava-se junto ao caminho Lisboa-Sintra.

Na zona da actual Oeiras, existe ainda hoje a Fortaleza de Catalazete, cujo nome provém da expressão árabe, “qal’at al-Zayd” ou seja, “a fortaleza de Zayd”<sup>64</sup>. É possível que, junto à fortificação, existisse algum povoado: a existência de um cemitério aí perto<sup>65</sup> tal sugere. Esta fortificação ajudaria a defender a entrada do estuário do Tejo.

Ainda entre Sintra e Cascais, encontramos Alcoitão<sup>66</sup>. Trata-se de termo que terá a mesma origem de Alqueidão, o que põe a possibilidade de que nesse local existisse um outro possível acampamento militar, neste caso não muito longe de Sintra nem do mar. Um outro Alqueidão, a sul de Mafra, sugerindo-nos mais um possível acampamento militar, em zona mais a norte e que preveniria ataques terrestres vindos dessa direcção.

Encontramos ainda alguns topónimos “Atalaia”<sup>67</sup>. Detectámos uma Atalaia junto ao Seixal, assim como uma outra a leste do actual Montijo, e que, pelas suas localizações, estariam mais vocacionadas para a vigia

de Baixo, o que faz supor que “a de Cima” ficaria um pouco mais para norte, e em cota mais elevada.

<sup>62</sup> De “jâmûr” = “torre, atalaia”. Idem, II, p. 820.

<sup>63</sup> Cf. supra n. 41.

<sup>64</sup> J.P. Machado, *VPOA*, p. 88; Idem, *DOELP*, I, p. 374. Não se sabe quem terá sido o Zayd que deixou o seu nome ligado a esta estrutura militar ou a outra que aí tenha existido anteriormente, mas de que lhe sobreviveu o nome: um carismático senhor local ou o epónimo de um clã que viveria nesta área ou que a dominaria.

<sup>65</sup> J.P. Machado, *DOELP*, I, p. 106.

<sup>66</sup> De “al-qaiatûn”, “a tenda” (J.P. Machado, *DOELP*, I, p. 82).

<sup>67</sup> De “al-tâlia”, “elevação, lugar de observação” F. Corriente, *Dic. Árabe-Español*, pp. 476-477.

dos movimentos no estuário do Tejo. Uma outra, na Serra da Malveira, vigiaria as vias terrestres que de norte se dirigiam a Lisboa. Mais duas, a de Cima e a de Baixo, próximas de Azóia, junto ao cabo da Roca, e que teriam funções de controle sobre as movimentações marítimas junto ao cabo.

Relativamente aos possíveis acampamentos militares atrás referidos, mas com a exceção do do Lumiar, não lhe conseguimos correlacionar qualquer eixo viário próximo. Quanto às atalaias, são maioritariamente vocacionadas para a vigilância sobre o mar e o estuário do Tejo, exceptuando-se a da Serra da Malveira, que estaria ligada a um eventual eixo viário interior.

## Fontes

### Fontes árabes

Abû l-Fidâ, *Taqwîm al-buldân*, ed.M.Reinaud & M.G. de Slane, *Géographie d'Aboulfêda*, Paris, 1840.

al-Bakrî, *al-Masâlik wa-Mamâlik*, ed. A. Van Leeuwen & A. Ferré, 2 vols., Cartago-Tunísia, al-Dâr al-'Arabiyya li-l-Kitâb, 1992; trad.parc.espan. E.Vidal Beltrán, *Geografía de España*, col. *Textos Medievales*, 53, Anubar, Saragoça, 1982.

al-Himyarî, *al-Rawd al Mi'târ*, ed.& trad. parc. franc. E. Lévi-Provençal, *La Péninsule Ibérique au Moyen Âge d'après le "Kitâb rawd al-mi'târ fi habar al-aktâr" d'Ibn 'Abd al-Mun'im al.Himyarî*, Leiden, E.J.Brill, 1938; ed. Ihsân 'Abbâs, 2.<sup>a</sup> ed., Beirute, Nasser Foundation for Culture, 1980.

al-Idrisî, *Nuzhat al-Mushtâq*, ed. E.Cerulli et alii, *Opus geographicum*, Nápoles-Roma, VIII fascs., E.J.Brill, 1975; trad.parc.portug. J.P.Machado, "A Península Hispânica segundo um Geógrafo Árábico do Século XII", *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.º 1-3, 1964, pp. 17-53.

IDEM, *Uns al-Muhaj*, ed.& trad.espan. de Khassim Abid Mizal, *Los Caminos de al-Andalus en el Siglo XII*, Madrid, CSIC, 1989.

al-Maqqarî, *Nafh al-Tîb*, 2.<sup>a</sup> ed., 8 vols., ed.Ihsân 'Abbâs, Beirute, Dâr Sâder, 1968.

al-Qalqashandî, *Subh al a'shâ*, ed. Cairo, 1331-8 / 1913-9, 14vols.; trad. parc. espan. Luis Seco de Lucena, *Subh al-a'shâ de al-Qalqashandî*, col.*Textos Medievales*, 40, Valência, Anubar, 1975.

al-Qazwîni, *Âthâr al-bilâd*, ed. Beirute, Dâr Sâder, 1380/1960; trad.parc.espan. Fátima Roldán, *El Occidente de al-Andalus en el "Âthâr al-bilâd" de al-Qazwîni*, Sevilha, Alfar, 1990.

al-Zuhrî, *al-Ja'rafiyya*, ed. M. Hadj-Sadock, *Bulletin d'Études Orientales*, Instituto Francês de Damasco, 1968, pp. 7-312; trad.espan. Dolors Bramón, *El mundo en el siglo XII. Estudio de la versión castellana y del "original" árabe de una geografía universal: "El tratado de al-Zuhrî"*, Barcelona, 1992.

*Dhikr bilâd al-Andalus*, ed. & trad. espanhola de Luis Molina, *Una Descripción anónima de al-Andalus*, 2 vols., Madrid, CSIC, 1983.

Ibn al-Shabbât, *Silat al-simt*, ed.al – ‘Abbâdî, *Tarikh al-Andalus li-Ibn Kardabûs wa-wasfu-hu li-Ibn al-Shabbât*, Madrid, IEI, 1971.

Ibn al-Wardî, *Kharidat al-'ajâ'ib*, ed. Cairo, Tip. Mustafâ al-Bâbî al-Halabî, 1358/1939; trad. Parc.espan. Rafaela Castrillo Márquez, "Descripción de al-Andalus según un Ms. de la Biblioteca de Palacio", *Al-Andalus*, XXXIV(1969), pp. 83-103.

Ibn Ghâlib, *Farhat al-anfus*, ed. L. ‘Abd al-Badî’, *RIMA*, I / 2, 1995, pp. 272-310; trad.parc.espan. J.Vallvé Bermejo, "Una descripción de España de Ibn Ghâlib", *Anuário de Filologia da Universidade de Barcelona*, I, 1975, pp. 369—384.

Ibn Hawqal, *Sûrat al-Ard*, ed. J. H. Kramers, *Opus geographicum*, col. *B.G.A.*, t.II, Leiden, E.J.Brill, 1967; trad. parc. espan. M.<sup>a</sup> José Romany Suay, *Configuración del Mundo*, col. *Textos Medievales*, 26, Anubar, Valência, 1971.

Ibn Sa'îd, *Kitâb Bast al-Ard*, ed. Juan Vernet, Tetuão, Instituto Muley al-Hassan, 1958; ed. Ismâ'îl al-'Arabî, Beirute, Manshurât al-Maktaba al-Tijâriyya li-l-Tibâ'a wa-l-Nashr wa-l-Tawzî', 1970; trad.parc.espan. J.Vernet, "España en la Geografía de Ibn Sa'îd al-Magribî", *Tamuda*, VI, 1958, 2.º sem., pp. 307-326.

IDEM, *al-Mughrib fî hulâ l-Maghrîb*, ed. Shawqî Daif, Cairo, Dâr al-Maaref, 1964.

Yâqût, *Mu'jam al-buldân*, ed. Beirute, 5 vols., 1957; trad.parc.espan. Gamal ‘Abd al-Karîm, "La España musulmana en la obra de Yâqût", *Cuadernos de Historia del Islam*, 6, 1974, pp. 60-307; trad.parc.espan. J.A.Rodríguez Lozano, "Nuevos topónimos relativos a al-Andalus en el *Mu'jam al-buldân* de Yâqût", *Cuadernos de Historia del Islam*, 8, 1977, pp. 57-84.

COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, 2.<sup>a</sup> ed., 2 vols., Lisboa, Caminho, 1989.

### Fontes cristãs

*De Expugnatione Lyxbonensi*, ed. José Felicidade Alves, *Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147 – Carta de um cruzado Inglês*, Lisboa, Horizonte, 1989.

*Crónica Geral de Espanha de 1344*, ed. L. F. Lindley Cintra, IV vols., Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1951 e ss.

*Cronica del Moro Rasis*, ed. Diego Catalán e Maria Soledad de Andres, Madrid, Gredos, 1975.

**Fontes toponímicas**

Cartas do Serviço Geográfico e Cadastral, na escala 1: 50.000, da região de Lisboa, e península de Setúbal.

**Bibliografia**

- ABDEL-RAHIM, Muddathir, “Instituciones jurídicas”, *La Ciudad Islámica*, (ed.R.B.Serjeant), Barcelona, Serbal-Unesco, 1982, pp. 49-62.
- ALARCÃO, Jorge de, *Roman Portugal*, 4 vols., Warmister-England, Aris & Phillips Ltd., 1988.
- ALARCÃO, Jorge de, *Portugal Romano*, Lisboa, Verbo, 1974.
- IDEM, *O Domínio Romano em Portugal*, Mem-Martins, Europa-América, 1988.
- ALVES, Adalberto, *O Meu Coração é Árabe*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Assírio & Alvim, 1991.
- AMARO, Clementino, “Arqueologia Islâmica em Lisboa: um percurso possível”, *Portugal Islâmico – Os últimos sinais do Mediterrâneo*, Lisboa, Ministério da Cultura/ IPM / Museu Nacional de Arqueologia, 1998, pp. 61-71.
- AMARO, Clementino, e MATOS, José Luís de, “Trabalhos Arqueológicos no Claustro da Sé de Lisboa – Notícia Preliminar”, *Actas das I Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*, Câmara Municipal do Seixal / Ed. D.Quixote, 1996, pp. 215-224.
- ASÍN PALACIOS, Miguel, “Contribución a la Toponímia Hispanomusulmana”, 2.<sup>a</sup> ed., CSIC, Madrid-Granada, 1944.
- AZEVEDO, Ruy de, “Período de formação territorial”, *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, III vols., Lisboa, Ática, 1937-38, vol.I, pp. 7-64.
- BEIRANTE, Maria Ângela, *Évora na Idade Média*, Lisboa, JNICT/FCG, 1995.
- BARROS, Filomena, “Mouraria – (Sécs. XII-XV)”, *Dicionário de História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas & Assoc., 1994, pp. 590-592.
- IDEM, *A Comuna Muçulmana de Lisboa. Sécs. XIV e XV*, Lisboa, Hugin, Biblioteca de Estudos Árabes, 4, 1998.
- BRITO, José Joaquim Gomes de, *Ruas de Lisboa. Notas para a história das vias públicas lisboenses*, 3 vols., Lisboa, Sá da Costa, 1935.
- CASTILHO, Júlio de, *Lisboa Antiga*, 1.<sup>a</sup> parte: 5 vols., 1954-68; 2.<sup>a</sup> parte: 12 vols., 1935-38, Lisboa, Oficinas Gráficas da Câmara Municipal de Lisboa.
- CHALMETA, Pedro, “Los mercados”, *La Ciudad Islámica*, (ed.R.B.Serjeant), Barcelona, Serbal-Unesco, 1982, pp. 131-144.
- COELHO, António Borges, *Quadros para uma Viagem a Portugal no Século XVI*, Lisboa, Caminho, 1986.
- IDEM, “Sintra: Os Paços da Vila”, *Questionar a História*, Lisboa, Caminho, 1983, pp. 89-119.
- CORRIENTE, Federico, *Dicionário Árabe-Español*, 2.<sup>a</sup> ed., Madrid, Instituto Hispano-Árabe de Cultura, 1986.
- DOMINGUES, José Domingos Garcia, “Aspectos geográficos da Lisboa Muçulmana”, *Portugal e o al-Andaluz*, Lisboa, Hugin, Biblioteca de Estudos Árabes, 2, 1997, pp. 117-130.

- IDEM, “O Garb extremo do Ândalus e «Bortuqal» nos historiadores e geógrafos árabes”, *Portugal e o al-Andaluz*, Lisboa, Hugin, Biblioteca de Estudos Árabes, 2, 1997, pp. 79-116.
- DOMINGUES, J.D. Garcia, “O Pensamento Filosófico-Teológico do Sufismo Muridínico”, *Rev. Filosofia*, 2, 1954, pp. 20-29.
- DURI, Abdel Aziz, “Instituciones de gobierno”, *La Ciudad Islámica*, (ed.R.B.Serjeant), Barcelona, Serbal-Unesco, 1982, pp. 63-82.
- ELISSÉEFF, Nikita, “El trazado físico”, *La Ciudad Islámica*, (ed.R.B.Serjeant), Barcelona, Serbal-Unesco, 1982, pp. 113-130.
- ESPANCA, Túlio, “Viana do Alentejo, Rainha das Romarias”, *Terras do Distrito de Évora*, 6, Évora, 1969.
- GASPAR, Jorge, “Os portos fluviais do Tejo”, *Finisterra – Rev.ª Portug.ª de Geografia*, vol.V, n.º 10 (1970), pp. 153-204.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, Lisboa-Rio de Janeiro, 40 Vols. + Atualizações, Editorial Enciclopédica, 1935 ss.
- GURRIARÁN, José Antonio, *Lisboa. Uma cidade inesquecível*, Mérida, Companhia Limite de Comunicación, S.A., 1997.
- IBISH, Yusuf, “Las instituciones económicas”, *La Ciudad Islámica*, (ed. R.B.Serjeant), Barcelona, Serbal-Unesco, 1982, pp. 145-160.
- LAGARDÈRE, Vincent, *Campagnes et paysans d’Al-Andalus*, Paris, Maisonneuve et Larose, 1993.
- LOPES, David, “Os Árabes nas Obras de Alexandre Herculano”, *Boletim de Segunda Classe da Academia das Sciencias de Lisboa*, vol.III(1909-10), pp. 50-84, 198-253, 323-377; e vol.IV(1910-11), pp. 321-405.
- IDEM, “Páginas Olisiponenses”, *Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa*, 1968.
- IDEM, *Nomes Árabes de Terras Portuguesas* (org. J. P. Machado), Lisboa, Sociedade de Língua Portuguesa e Círculo David Lopes, 1968.
- MACEDO, Luís Pastor de, *Lisboa de Lés-a-Lés. Subsídios para a História das Vias Públicas da Cidade*, 5 vols., 2.ª ed., Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1955-68.
- MACHADO, José Pedro, *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, III vols., Lisboa, Confluência, s / d.
- IDEM, *Influência Árabe no Vocabulário Português*, 2 vols., Lisboa, «Revista de Portugal», 1958-1961.
- IDEM, *Vocabulário Português de Origem Árabe*, Lisboa, Ed.Notícias, 1991.
- MACIAS, Santiago, “Espaços funerários no Gharb al-Andalus”, «Actas do Colóquio “Lisboa, encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristãos”», *Arqueologia Medieval* 7, Campo Arq.º Mértola/ Afrontamento, no prelo.
- MARQUES, A.H.de Oliveira, “Introdução à História da Cidade Medieval Portuguesa”, pp. 13-42; “A Persistência do Elemento Muçulmano na História de Portugal após a «Reconquista». O Exemplo de Lisboa”, pp. 96-107, *Novos Ensaio de História Medieval Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1988.



- MATOS, José Luís de, cf. AMARO, Clementino.
- MICHON, Jean-Louis, “Instituciones religiosas”, *La Ciudad Islámica*, (ed.R.B.Serjeant), Barcelona, Serbal-Unesco, 1982, pp. 13-48.
- MIQUEL, André, *La Géographie Humaine du Monde Musulman jusq’au milieu du XI<sup>e</sup> siècle*, 4 vols., Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales / Mouton, 1988.
- NASHABI, Hisham, “Instituciones de enseñanza”, *La Ciudad Islámica*, (ed.R.B.Serjeant), Barcelona, Serbal-Unesco, 1982, pp. 83-112.
- OLIVEIRA, Luís Filipe, & VIANA, Mário, “A Mouraria de Lisboa no Século XV”, *Arqueologia Medieval* 2, Campo Arq.º de Mértola/Afrontamento, 1993, pp. 191-209.
- PAVÓN, Basilio, *Ciudades Hispanomusulmanas*, Madrid, Ed. Mapfre, 1992.
- PRADALIÉ, Gerard, *Lisboa – da Reconquista ao Fim do Século XIII*, Lisboa, Palas, 1975.
- REI, António, “As Portas da Cerca de Lisboa no período islâmico”, *Arqueologia e História*, vol. 53: *Actas do II Colóquio Temático – Estudos de Lisboa, (Séculos VIII-XV)*, Lisboa, Associação de Arqueólogos Portugueses, 2001, pp. 35-43.
- REPORTÓRIO TOPONÍMICO DE PORTUGAL*, III vols., Lisboa, Ministério do Exército – Serviço Cartográfico do Exército, 1967.
- RICARD, Robert, “Couraça et Coracha”, *Al-Andalus*, XIX (1954), pp. 149-172
- IDEM, “Compléments sur la «Couraça-Coracha»“, *Al-Andalus*, XX (1955), pp. 452-454.
- RODRIGUEZ LOZANO, José Antonio, “Nuevos Toponimos Relativos a al-Andalus en el *Mu’jâm al-Buldân* de Yâqût”, *Cuadernos de Historia del Islam*, 8 (1977), pp. 57-84.
- SIDARUS, Adel e REI, António, “Lisboa e o seu Termo segundo os Geógrafos Árabes”, *Arqueologia Medieval* 7 (2001), Mértola/Porto, CAM/Afrontamento, pp. 37-72.
- SILVA, Augusto Vieira da, “Cêrca moura de Lisbôa e o Esteiro do Rio Tejo”, *Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa*, 1939, pp. 3-26.
- STEIGER, Arnald, “Contribución a la Fonética del Hispano-Árabe y de los Arabismos en el Ibero-Románico y el Siciliano”, *Revista de Filología Española – Anejo XVII*, Madrid, 1932.
- TEDJINI, B., *Dictionnaire Arabe-Français [Maroc]*, Paris, Société d’Éditions Géographiques, Maritimes et Coloniales, 1948.
- TORRES, Cláudio, “Povoamento no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica”, *Arqueologia Medieval*, 1, Mértola/Porto, 1992.
- TORRES BALBAS, Leopoldo, *Ciudades Hispano-Musulmanas*, Tomos I-II, s.l., Ministerio de Asuntos Exteriores, Dirección General de Relaciones Culturales, Instituto Hispano-Arabe de Cultura, s.d.[1966].
- IDEM, “Estructuras de las Ciudades Hispanomusulmanas: la medina, los arrabales y los barrios”, *Al-Andalus*, XVIII (1953), pp. 149-177.

- TORRES BALBAS, L., “Mozarabias y Juderías de las Ciudades Hispanomusulmanas”, *Cronica de la España Musulmana*, 5 – *Obra Dispersa I: al-Andalus*, Madrid, Instituto de España, 1982, pp. 172-197.
- IDEM, “Rábitas Hispanomusulmanas”, *Cronica de la España Musulmana*, 4 – *Obra Dispersa I: Al-Andalus*, Madrid, Instituto de España, 1982, pp. 475-499.
- VALLVÉ BERMEJO, Joaquín, “Notas de Metrología Hispano-Árabe – El codo en la España Musulmana”, *Al-Andalus*, XLI (1976), pp. 339-354.
- VIANA, Mário, cf. OLIVEIRA, Luís Filipe.
- VIEGAS, Valentino, *Cronologia da Revolução de 1383-1385*, Lisboa, Estampa, 1984.